



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Aluna: Marina Mara da Silveira Chaves

Professor: Christus Nóbrega

Disciplina: Tópicos Especiais em Poéticas Contemporâneas I

**Título:
Biblioráculo**

Brasília, 2017

Introdução

Este artigo tem com desejo discorrer sobre as perspectivas do profano e sagrado no fazer artístico sob uma ótica sistêmica e poética. Nosso ponto de partida é a intervenção BIBLIORÁCULO, uma vivência cartográfica que envolve poesia, magia e tecnologia dentro da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE). O intuito da intervenção é instigar, a partir de livros e autores relacionados aos temas, e perguntar: ***o que é sagrado ou profano para você?***

Para interagir com esse universo, o visitante do Biblioráculo deve decifrar uma das 13 dicas-poema que o conduzirá à sua caixinha mágica. Para chamar a atenção do público, foi instalada uma fonte ornamentada com flores, colares, rendas, água de cheiro e um QR Code na entrada da BCE que leva ao endereço www.marinamara.com.br/biblioraculo.

Ao todo foram 35 caixas de acrílico vermelho-cigana escondidas pela biblioteca, próximas ao livro ou autor citado no poema, contendo elementos do profano e do sagrado, segundo cada olhar. Cada caixinha foi delicadamente montada pelo Biblioráculo e contém poesia erótica, preservativos, lubrificantes íntimos e ervas desidratadas para fumo ou banho. São elas: casca de imburana, rosas vermelhas, capim aruanda, angélica, melissa, cipó de índio, calêndula, rosa branca, manjeriço e alecrim.

DICAS-POEMA (e sua localização “secreta até então”)

1 – Lorca - Número de chamada:

860 G216a

Para Garcia Lorca

Existe um Duende

Chamado inspiração

Quando ele aparece

A arte ganha alma

E a obra, coração

O Duende te aguarda

Nos escritos do poeta

Reza a superstição

2 – Livro: Bíblia - Número de chamada:

22.05=690"1965" B582b 1965 A

O cinexamã Val del Omar

Inventou a Mecamística

Onde a visão é tátil

E a tela é nossa retina

Seus filmes elementais

São de arte e sagrado

E onde a bíblia estiver

Seu mimo estará ao lado

3 – Jung - Número de chamada: **159.964.26 J95Pr =690**

O inconsciente coletivo
É herança e ancestralidade
Que pulsa em cada ser vivo
São símbolos e sonhos
Que sonhamos juntos
Para chamar de realidade
Em meio aos arquétipos
E outros assuntos
Há uma oferenda de Jung
À sua curiosidade

4 – Fernando Pessoa - Número de chamada: **869.0 P475b**

Fernando Pessoa fazia poema
Na máquina, no muro, na pena
Mas a poesia nasce do olhar
Sua ilha de edição
Dirigida por esse comboio
De cordas que se chama coração.

5 – Pierre Verger -
326.1(655.2:814.2) V496f 2. ED =690

Exú rege as
ações humanas
é o movimento
é a boca que
come o mundo
para alimentar você
com um tesouro
Que se esconde
Nos livros de

Pierre Verger
laroyê!

6 – Jorge Amado - **869.0(81) A481a**
sagrada e profunda
como fé de pescador
perfumada e fecunda
como santa no andor
encantando com
flor de laranjeira o ar
lemanjá tem uma prenda
Onde Jorge Amado está
Odojá!

7 – Carybé - **398.4(6) V496Or**

Minha mãe Oxum
Tem coração de pedra
Lapidada pelo rio e pela fé
Ela guarda seu ouro
Junto aos traços de Carybé

8 – Vinícius de Moraes - Número de chamada: **869.0(81) M827a C**

O canto de Ossain
Te chama para
O baile das folhas
Que dançam
Ao vento dos versos
Que o Vinícius
Escreveu para você

9 – Flusser - Número de chamada: **235.2 F647h**

Vilem Flusser era de touro

E com a ponta do chifre
Escreveu A história do Diabo

10 – Borges - **860(82) B732.Yms**

Jorge Luis Borges

Sabia bem o seu papel

E como bom virginiano

Pensou em cada detalhe

Da Biblioteca de Babel

11 – Bauman - **301.185.2 B347L
=690**

Para Zygmunt Bauman

Líquidos amores afagam

Líquidos amores liquidam

Líquidos amores se afogam

Líquidos amores nos liquidificam

Nessa líquida liquidação

12 – Bashô - **895.6 B299h =20**

Oxóssi é mata
Que não morre
Nem com fogo
Nem com serra
Pois de sua terra
É guardião e senhor
Sua essência é
De natureza
Assim como os
Haikais de Bashô
Okê arô!

13 – Constituição - Número de
chamada:

342.4(81)"1988" B823c 2007

Xangô troveja

Proteção

E justiça no

Caminho dos

Filhos seus

Para que na

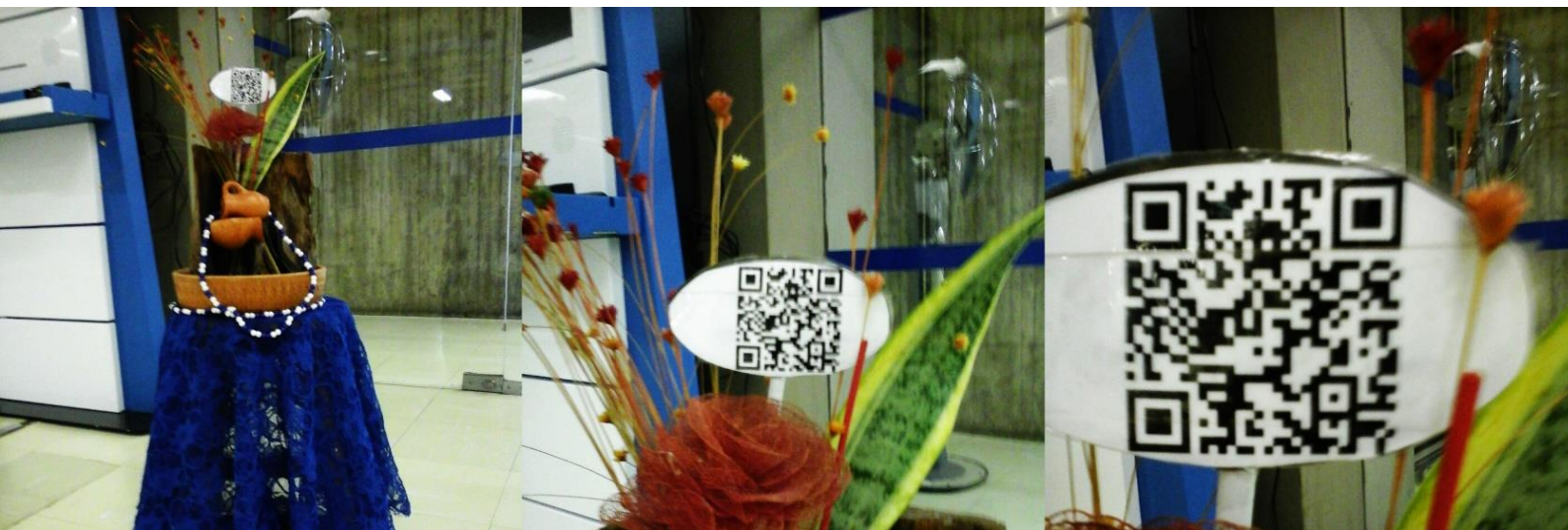
Caminhada

Nunca vacile

Ele é a real

Constituição

Kaô cabecile!



Intervenção Biblioráculo dentro da BCE em 27 de junho de 2017

A Teoria do Duende de Garcia Lorca

Um dos textos de referência para a concepção da intervenção Biblioráculo foi o discurso que Federico García Lorca proferiu em uma conferência em Buenos Aires e La Habana, em 1933, sobre a teoria do duende, força fundamental para entender a concepção artística espanhola e, sobretudo, a produção lorquiana.

“Assim, pois, o duende é um poder e não um obrar, é um lutar e não um pensar. Não é uma questão de faculdade, mas sim de verdadeiro estilo vivo; ou seja, de sangue; ou seja, de velhíssima cultura, de criação em ato. Este *poder misterioso que todos sentem e que nenhum filósofo explica.*”

Em seu discurso, Lorca citou e enalteceu diversos artistas virtuosos de diferentes vertentes artísticas como exemplo da “presença do duende”. Para Lorca, tal presença nos “dá sensações de frescor totalmente inéditas, com uma qualidade de rosa recém-criada, de milagre, que chega a produzir um entusiasmo quase religioso”. A perspectiva mística no fazer artístico é compreendida por cada indivíduo de forma única, sendo “o duende” chamado pelo mundo com diferentes nomes em diversas crenças e ritos. Logo a percepção sagrada ou profana de mitos e expressões artísticas sofre influência das comunidades das quais faz parte. Em muitos casos essa comunicação se dá dentro de verdadeiras Bibliotecas de Babel, tecida em infinitos diálogos entre pares que falam diferentes línguas e linguagens, conforme descrito no trecho a seguir.

“O UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente”.
(BORGES, 1944)



A Comunidade de Bauman e a busca por segurança no mundo atual

A imagem proposta por Borges, sobre esse universo chamado biblioteca, conversa diretamente com o pensamento de Zygmund Bauman no livro *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. No livro, o pesquisador discorre sobre a ideia de comunidade que carregamos em nosso conhecimento empírico é um ideal que se aproxima do paraíso ou das utopias, que se apresenta não como um fim a ser alcançado, mas um ideal a ser

buscado. Tanto a utopia poética quanto o paraíso bíblico perderiam suas características essenciais de comunidade ao ser alcançadas.

As tão sonhadas liberdades e segurança são premissas que não fecham silogismo. Ao gradear a casa e colocar câmeras de segurança para termos maior sensação de segurança estamos também cerceando nossa liberdade, construindo uma pequena prisão (psicológica e física) ao redor de nosso lar. Logo, liberdade e segurança são buscas ideais e não um fim a ser alcançado de fato em uma comunidade.

Outra prisão de nossa comunidade é o pertencimento a ela. Para fazermos parte de uma comunidade devemos nos identificar com ela, sentindo-se parte daquele todo, partilhando de posturas, ideias e ideais que não fujam da “cartilha coletiva” que dá o norte àquele grupo...e por que não chamar de grades imaginárias e empíricas? “A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo; não achar a solução correta e ficar frustrado com a solução adotada não nos levará a abandonar a busca — mas a continuar tentando. Sendo humanos, não podemos realizar a esperança, nem deixar de tê-la.”

A segurança e a liberdade são complementares, mas incompatíveis em um mundo que se busca o equilíbrio. A “secessão dos bem-sucedidos” é, antes e acima de tudo, uma fuga da comunidade.

Construções culturais e Cultura RAM

Essas bolhas culturais comunitárias nas quais vivemos são tão reais quanto o mundo virtual que é parte indissociável de nosso tempo. No livro Cultura RAM, de José Luis Bréa, o tipo de memória que produz a cultura não se trata somente de armazenamento de dados, mas sim de produção de processos e interconexões ativas e produtivas. Esses dados, esse conhecimento, são um organismo em constante desenvolvimento e são a matéria-prima da economia simbólica - o “novo espírito do capitalismo” e da indústria cultural.

Nessa economia de coletividade não há recepção passiva, na qual o emissor é o exclusivo autor, o leitor também produz, colaborando para essa colcha de retalhos coletiva costurada na cultura RAM de nosso tempo. A mensagem originalmente enviada não será a mesma recebida, pois as faculdades cognitivas com as quais decupamos a informação depende da formação empírica e do olhar único de cada um.

A propriedade intelectual em tempos de economia sustentável se vê cada vez mais diluída nos processos participativos que culminam em uma inteligência sistêmica e democrática. Nosso sistema legislativo vigente não acompanha a velocidade desse cyber-darwinismo em constante adaptação e por isso da complexidade jurídica acerca de direitos autorais de produção imaterial.

Na cultura digital, essa irreversível transformação em nosso modo de comunicação, a produção do patrimônio imaterial é de ordem coletiva, enriquecendo a todos por meio do conhecimento compartilhado. Essas novas economias - mais criativas e solidárias - são quase um comunismo do conhecimento no qual o valor não está mais ligado à escassez, mas à abundância de informação, o que não ocorria nos ultrapassados modos de produção da indústria cultural e unilateral pré-internética. Não se trata de tirar a propriedade intelectual de alguns, mas sim de estender a todos o direito à essa informação.

A futurotopia é uma crônica otimista sobre pixels e paixões escrita na linguagem de outros mundos possíveis. Mundos que degustem a poesia contida na linguagem retroatualizável da cultura RAM. O que chamamos de real nada mais é que uma produção social, o imaginário coletivo nascido de uma constelação dispersa de perspectivas. Isso não quer dizer que o real seja simulacro ou mera representação, ele é a materialização de inumeráveis visões em choque.

O termo mercado na cultura RAM poderia ser substituído por fluxo contínuo de bens imateriais em circulação permanente, esse estado constante de comunicação formado por esse quebra-cabeça de singularidades múltiplas que forma o conhecimento. Essa nova economia não está ligadas à exploração do conhecimento, mas sim à sua produção e partilha com o mundo - em suma, uma economia líquida chamada pensamento.

Os formatos livres e retroalimentados das relações dão a tônica da cultura RAM e são corroborados pela nutopia, termo sugerido por John Lennon e Yoko Ono ao final do século XX, sobre a realidade cidadã de cada ser humano se definir por seu estado conceitual e não por questões geográficas, étnicas ou religiosas. A cultura RAM se desenvolve no lugar do não lugar, sem sedes, sem território, com raízes filosóficas e asas criativas fluindo na “universidade do saber, a universidade sem condição” e sem saberes absolutos, porém em constante aprimoramento, fugindo dos modelos baseados no “capitalismo do conhecimento”.

A confluência entre arte e tecnologia é fértil como possibilidade de multilingagens para fruição e expressão poética, para formação de nosso inconsciente óptico, além de oferecer inovadoras formas de circulação e compartilhamento da informação. A tecnologia possibilita a materialização da poesia em pixels, flashes, paisagens sonoras e linguagens

editadas em um poderoso dispositivo de produção cognitiva, o nosso olhar. Essa “e-image” seria por definição uma “imagem-tempo”, o nosso grande memorial do ser.

Nossa história evolutiva está escrita em nosso “museu RAM”, um espaço de conectividade de impressões sobre o passado e o futuro, traçando o caminho das inovações e a formação de nossos empíricos traços culturais. Os formatos de produção e consumo da indústria cultural e de entretenimento vem passando por fortes transformações. Hoje seu principal capital é sua produção imaterial. Porém, junto à imprescindível democratização do conhecimento, veio a mercenarização do discurso crítico e a multiplicação de informações que atendem a arbitrários interesses políticos e econômicos diluídos em sua mensagem não mais imparcial.

Mil telas são mil janelas para universos diferentes, mil possibilidades de conexão real e diversa pautada na produtividade e na atualidade, na fabricação e não somente no armazenamento de conhecimento. A pesquisa universitária, assim como outras fontes de fruição de conhecimento, favorecem no desenvolvimento cognitivo, edificando um pensamento crítico autônomo e não-condicionado, o que difere o povo da massa.

A Mecamística de José Val del Omar

A escolha de Val Del Omar para este artigo se deu por seu ímpeto místico e poético em sua produção cinematográfica e acadêmica. O intuito da performance Biblioráculo, assim como em seus filmes, é instigar a interação sinestésica e sensorial das pessoas com o universo da biblioteca.

“O que denomino aqui de contracartografia opõe-se aos modelos tradicionais de mapas fornecidos por estados e elites. Se o Estado usa a cartografia para ocupar, destruir ou controlar, porque não podemos subverter e usar as ferramentas cartográficas a favor das lutas sociais, valorizando um processo colaborativo e dialógico de produção de mapas? Desconstruir e reconstruir o mapa alargando o seu território crítico, recusando as convenções estabelecidas e propondo novos usos e conteúdos, são etapas de uma ação que leva ao apontamento das condições

sociais, políticas e econômicas que queremos criticar, evidenciar e transformar”.
(MESQUITA, 2017)

O tipo de memória produzida com o uso da tecnologia para a difusão poética e literária na atualidade não se trata somente de armazenamento de dados, mas sim de produção de processos e interconexões ativas e produtivas. Esses dados, esse conhecimento, são um organismo em constante desenvolvimento e são a matéria-prima da economia simbólica - o “novo espírito do capitalismo” e da indústria cultural.

“A cidade, portanto, não pode mais ser estudada como uma máquina maciça. Nós chamamos esses dois subsistemas de “circuito superior” ou “moderno” e circuito inferior.” Milton Santos – O Espaço Dividido, p.16, 1979.

Nessa afirmação de Milton Santos, compreendemos que nossa sociedade se divide em duas principais zonas de influência:

Circuito superior = monopólios, indústria cultural de massa

Circuito inferior = costumes, cultura popular, dialetos, sotaques

A contracartografia literária tem como foco a produção do patrimônio imaterial de ordem coletiva, enriquecendo a todos por meio do conhecimento compartilhado. Essas novas economias - mais criativas e solidárias - são quase um comunismo do conhecimento no qual o valor não está mais ligado à escassez, mas à abundância de informação, o que não ocorria nos ultrapassados modos de produção da indústria cultural e unilateral pré-internética. Não se trata de tirar a propriedade intelectual de alguns, mas sim de estender a todos o direito à essa informação.

“Cartografia é o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação de

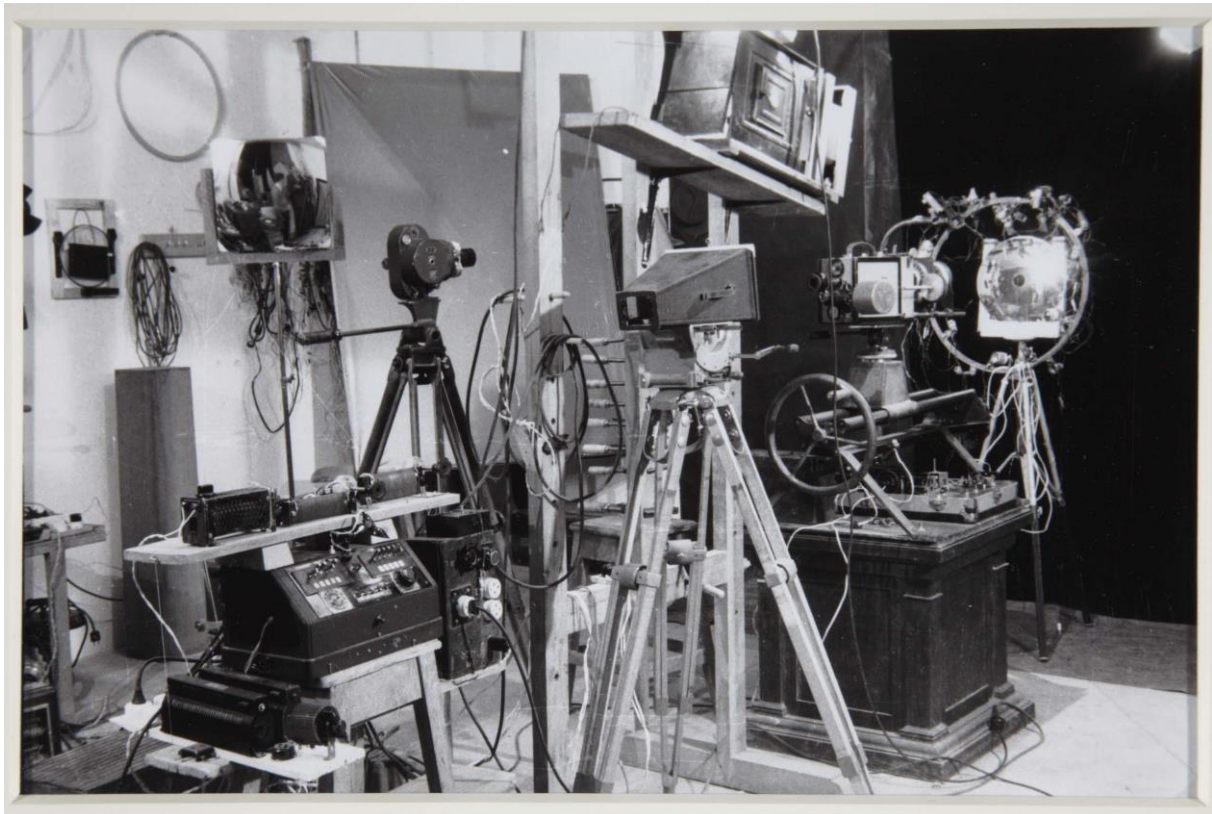
objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização.” Associação Cartográfica Internacional – ACI (1966)

Segundo *Javier Ortiz-Echagüe* em sua obra: *José Val Del Omar - Escritos de Técnica, Poética e Mística* Capítulo foco:

“Me sinto submerso em um ser que palpita. As concatenações lógicas nos ligam e nos aprisionam. Mas eu busco a luz esférica meta-mística.” (Val Del Omar, 1935).

A obra científica e multimídia e poética e ativista e filosófica de José Val Del Omar, nascido em 1904 na Espanha, até os dias atuais se mantém como vanguarda e contemporânea pela linguagem tecnolítica alcançada com seus inventos audiovisuais e utopias. Como cientista e inventor, Val Del Omar criou engenhocas para produção de sons, luz, imagem e sensações para expressar sua poesia, sua mística. Essa junção da mecânica com a mística foi batizada pelo autor como Mecamística, estética presente em seus filmes, principalmente no *Fuego en Castilla*, finalizado em 1960. Na película de 17 minutos, Del Omar projeta imagens produzidas por seus inventos sobre esculturas do barroco espanhol dando vida, intenção e movimento às obras, em sua maioria sacras.

A criação de linguagens a partir da interconexão de técnicas e tecnologias é uma marca tanto na obra cinematográfica quanto na obra escrita desse artista tão plural em sua expressão e tão singular humanamente. Para que a expressão verbal alcançasse o significado de sua obra, Del Omar criou vários neologismos e recursos estéticos em sua escrita. Ele não fazia questão de usar corretamente a acentuação e as regras gramaticais por não se prender a padrões que possam podar sua expressão.



A sobreposição de silhuetas, feixes de luz, paisagens sonoras, elementais e elementos da natureza compõe a atmosfera fílmica do Del Omar, esse xamã sinestésico e multimídia. No filme *Aguaespejo Granadino*, de 1955, por exemplo, o diretor transforma fontes de água em elementais dançarinos. O fogo (*Fogo em Castilla*) e o barro (*Acariño Galaico*) também são elementos naturais presentes em sua obra e devidamente mesclados ao olhar multiartístico de José Val Del Omar.

O olhar sobre o novo, sobre o extraordinário, o encantamento presente, principalmente, no olhar das crianças, é parte essencial do discurso do autor, que usa sua arte como ferramenta de lapidação social e humana. Seus dispositivos ópticos multifuncionais ornados com cristais côncavos e convexos expressam sua poesia em feixes, som e sinestesia, por esse motivo seria muito reducionista chamar esse multiartista somente de cineasta ou cientista ou artista – para muitos ele é “o poeta do cinema.”

“Quando se ama se está fora do tempo”, Garcia Lorca. O ativismo lírico de Del Omar extrapolou as salas de cinemas e os muros das academias. Essa pedagogia sinestésica que acontece em uma sala de cinema é para Del Omar sua mais poderosa ferramenta contra a opressão e outras violências modernas. Del Omar foi importante líder na luta contra a colonização cultural pelo cinema americano e participou de importantes movimentos sociopolíticos na Espanha.

“DEUS MEU! Quero trazer seu reino de amor e de unidade a esse Vale das

Diferenças, onde nos plantaram como palpitações. Eu sei que as diferenças constituem a fonte das energias. Que a discórdia é inevitável. Que a vida é luta. Que vivemos à custa de outras vidas. Mas sei que tu me mandas amar graciosamente e estabelecer uma justiça sem balanças. Sei que tu me mandas perseverar na loucura de me doar. DEUS MEU!” (Oração do cinematurgo - Val Del Omar, 1957)

Para Del Omar, o cinema é um sistema amplificador de nossa visão e a tela de cinema uma enorme retina coletiva. A sala de projeção é o globo ocular. O público é uma congregação de espectadores partilhando a mesma retina. A vista é o tato à distância ou tactivisão, neologismo criado pelo artista que só faz cinema se for por um grande objetivo poético. A junção mecânica com a mística de todos esses elementos, Del Omar chamou de Mecamística.

Para Del Omar, o extraordinário está nas entranhas do cotidiano. E sua mecamística herda essa estética inspirada nas coisas pequenas do dia a dia, nas sutilezas tão recorrentes na inspiradora obra poética de seu amigo Garcia Lorca no século XX. Del Omar enxerga a arte do encontro promovido em uma sala de cinema como um poderoso ato de subversão ao sistema opressor da vida moderna que nos convida à reclusão em nossos universos particulares e solitários. Del Omar tem o cinema como um facilitador de experiências, uma lanterna mágica que usa a eletrônica para se teledistribuir. Essa lanterna ilumina o caminho para tempos e olhares remotos e segundo ele, “o tempo é uma angústia com asas de fogo e é também a melhor cara de Deus”.

O técnico une-se ao mágico no cinema de Del Omar, causando diversas sensações no público, todas com foco no encantamento, no lapidar das consciências e na nutrição sensorial e humana de seus espectadores, que abrem lacunas em seus sonhos para que ele possa inserir os seus.

No capítulo a chave mística de uma bioeletrônica espanhola, Val Del Omar se inspira no poema de Rainer Maria Rilke e nos brinda com uma reflexão poética acerca do tempo.

“Deus é o tempo, o transparente e mudo que nos acolhe em seu fluido sem contorno. Para

presenti-lo temos que fechar os sentidos e nos voltar para nós mesmos. O tempo é a primeira energia bruta de toda a vida. O tempo em permanente união amorosa; no tempo se está sem pés no solo; raízes e asas são a mesma coisa, suspensos na intuição de consciência coletiva”.

A Mecamística de José Val Del Omar

O mestre indiscutível do cinema de vanguarda, José Val Del Omar, trabalhou nas Missões Pedagógicas da Segunda República, um contemporâneo de Federico Garcia Lorca, Luis Cernuda, Josep Renau, María Zambrano e outros membros da chamada "Era de Prata" truncada com o golpe de Estado de 1936, a Guerra Civil e da repressão mais tarde.

Val del Omar era um "crente no cinema" que formulado pela sigla PLAT que são equivalentes aos totalizando conceito de Picto-Lumínica-Audio-tátil. Em 1928, já ele antecipou algumas de suas técnicas mais recursos, incluindo o "estouro apanoramico da imagem" saída fora dos limites da tela, e o conceito de "visão tátil". Tais técnicas, e o "som da conversa cruzada" e outras explorações no campo de som, foram aplicados em seu "Triptico Elemental da Espanha", que inclui: "Aguaspejo Granadino" (1953-1955), "Fuego en Castilla" (1958-1960) e "Acariño Galaico" (1961 / 1981-82 / 1995).

Conclusão

A intervenção Biblioráculo assim como este artigo são uma colcha de retalhos costurada a partir de diferentes olhares sobre a mística no fazer artístico. Olhares em interconexão propondo ricos debates acerca de nós mesmos e da sociedade na qual vivemos, sagradas para uns, profanas para outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmund - *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

BORGES, Jorge Luís. Ficcções. Conto A Biblioteca de Babel, 1944.

BRÉA, José Luis. Cultura RAM, multações da cultura na era de sua distribuição eletrônica. Editora Gedisa, 2007.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Org. e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, "Ditos e Escritos, III".

MALLARMAGENS, REVISTA. Artigo: Teoria e Jogo do Duende de Federico Garcia Lorca, Tradução: LARA MANTOANELLI SILVA. ISSN 2316-3887 <http://www.mallarmagens.com/2012/09/traducao-de-federico-garcia-lorca-por.html>

JUNG, Carl G. O Homem e seus Símbolos. sobre o inconsciente para Jung. Editora Nova Fronteira. 6ª. Edição.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SANTOS, Milton, O Espaço Dividido, p.16, 1979. Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro.